

O CAIPIRA E OS TERRITÓRIOS ALTERNATIVOS. *

Rosiane Morais TORREZAN**

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento Regional

Nível: Mestrado

Seu dotô me dê licença
Pra minha história eu contá
Se hoje eu tô em terra estranha
É bem triste o meu pená
Mas já fui muito feliz
Vivendo no meu lugá
(Música “Vaca Estrela e Boi Fubá”, Patativa do Assaré)

Refletir sobre as novas e variadas formas da complexa organização espacial contemporânea, com seus múltiplos aspectos e realidade multifacetada, é tarefa recente e árdua à qual devem lançar-se os geógrafos da atualidade.

Deve-se ter em vista, entretanto, que esse esforço de elucidação é válido. Procuraremos explicitar adiante nossa idéia introdutória, baseando-nos nas duas representações que nos fornecem exemplos de objetividades e subjetividades envolvidas na realidade concreta da América Latina. A primeira representação é a da obra de Oscar Niemeyer no Memorial da América Latina, na cidade de São Paulo, cuja expressividade dramática nos coloca frente à história latino-americana, desde sempre marcada pela exploração, dominação e dependência, configurando-a como espaço de conflitos e lutas. A segunda representação nos mostra uma América Latina objeto de desejo (ainda!), e suas diversidades territoriais, ilustrando a coexistência de temporalidades distintas no espaço latino-americano. Inter-relacionadas, as representações indicam os elementos que constituem a realidade atual multiespectral e sua materialização imagética dentro do espaço privilegiado da modernidade e seus conflitos: a metrópole.

Com a finalidade de ampliar o quadro teórico referente às considerações realizadas, procuraremos desenvolver nosso raciocínio através de três eixos: a modernidade; o espaço geográfico e a metrópole; e os territórios alternativos.

A modernidade.

A modernidade, segundo Guattari (1986) baseia-se em uma forma de (des) organização espacial baseada na racionalidade, em que as transformações ocorrem no sentido de maximizar o “controle social” através de estratégias tecnocráticas. Para tanto, necessita utilizar-se da construção/desconstrução espacial, numa fragmentação/interação de lugares, e num esforço contínuo de des-territorialização (Raffestin, 1993).

Haesbaert (2006), no entanto, inclui no conceito de modernidade o que muitos definem como pós-moderno: a busca da sensibilidade, da liberdade e da imprevisibilidade. Para o autor, isto demonstraria o caráter ambíguo da modernidade, onde o local convive com o global, o novo com o velho, o antigo se reveste de novas funções para continuar subsistindo. As “rugosidades” de Milton Santos e os “constrangimentos” de Guattari indicam como a configuração espacial influencia as ações sociais.

Complexa, multifacetada, a modernidade introduz o homem atual num turbilhão de transformações que o colocam num estado permanente de perplexidade diante de um mundo inconsistente em que a única constante é a imprevisibilidade (Berman, 1987).

* Texto elaborado na prova de Conhecimentos Específicos em Geografia do processo de seleção da Pós-Graduação em Geografia da FCT-UNESP, em julho de 2007.

** Contato: rosianetorrezan@ig.com.br

A burguesia constitui o motor propulsor dessa verdadeira avalanche de mudanças que marca a modernidade. Ela se apresentou como destruidora das representatividades e dos signos da era pré-moderna. Numa direção inversa, da ordem promoveu o caos (e não do caos construir a ordem, como na teogonia clássica); e torna a promover o caos a cada vez que se lhes ameaça a ordem (Haesbaert, 2006).

O espaço geográfico e a metrópole.

O espaço geográfico é, ao mesmo tempo, testemunha, veículo e condição destas transformações. Nele estão impressas as cicatrizes dos conflitos, nele se inserem as marcas dos embates e das lutas.

A modernidade se utiliza das inovações técnicas para promover suas modificações, alterando o ritmo das relações e tornando-o tão vertiginoso quanto estonteante. Busca-se a aniquilação do espaço pelo tempo. Forma-se, entretanto, o espaço técnico-científico-informacional (Santos, 2006); constituem-se as redes e os nós (Castells, 2001), engendram-se as verticalidades e horizontalidades modernas (Santos, 2006).

A metrópole constitui a expressão máxima dessa modernidade transformadora. Nela são erigidos os monumentos ao novo tempo e às memórias subjetivas das sociedades que engendraram essa espaço-temporalidade multiespectral. Aí projetam-se as ambigüidades do mundo contemporâneo, com suas imbricações explicitadas na paisagem urbana: ordem/caos; local/global; objetivo/subjetivo; construção/destruição. Ela pode, ainda, à primeira vista, parecer um espaço homogeneizado pelo capital, uma vez que engloba elementos estruturais, paisagísticos e arquitetônicos mundializados: os arranha-céus, os espaços gigantescos de representação e reprodução do capital, erigidos por e para este homem moderno ávido de construção/destruição.

Mas não é bem assim. Segundo Guattari e Rolnik (1986) esse “espaço liso”, homogêneo, na verdade não existe nem mesmo nos países do capitalismo central. Criam-se em seu interior os chamados “contra-espaços” (assim como os “contra-poderes” de Foucault, 1979); onde são engendradas as resistências, buscando novas territorializações (materiais ou subjetivas), mas que buscam uma nova organização espacial que lhes permita manter e reproduzir seus signos e identidades.

Os territórios alternativos.

Ao mesmo tempo que uma “geofinança” (Goldfinger, 1991) volatiliza o capital numa tentativa de garantir sua total e irrestrita mobilidade, com as macro-políticas capitalistas envolvendo e, de certa forma, submetendo praticamente todo o planeta – vide a formação de super-estados, como a União Européia; e os ex-estados soviéticos, ávidos de inserção no mundo capitalista; surgem as micro-políticas de resistência, como os movimentos comunitários, os de cunho étnico/religioso/cultural (como os dos muçulmanos) e os nacionalistas (como os bascos).

No caso específico da América Latina, sua inserção no capitalismo mundial se deu de forma desvantajosa, dentro de um contexto onde forças centrífugas (Santos, 2006) promoveram - e ainda o fazem - a partida das vantagens sociais que ele poderia trazer. Em que pese as desigualdades econômico-financeiras existentes entre seus países, dentre os quais o Brasil se destaca como potência regional, a América Latina surge no espaço mundializado como um lócus de resistências capazes de promover uma reordenação territorial que se apóie sobre bases democráticas, e na qual sejam rompidas as amarras de exploração e dominação que caracterizaram desde sempre sua relação com os centros do capitalismo mundial.

É aí que reside a faceta positiva da modernidade: o rompimento do dualismo que marcou a era pré-moderna, a aceitação das ambigüidades, das diversidades, da subjetividade e dos aspectos múltiplos da sociedade. Espaços onde convivem o local, o regional, o nacional e o global, onde encontram-se os indivíduos, seus desejos e paixões. E estes aspectos se imbricam, produzindo forças de subjetividades coletivas que podem levar a “micro-políticas” de resistência – pequenas,

sim, mas não menos importantes – dentro das quais encontra-se o embrião de uma nova organização espacial que começa a ser gestada (Haesbaert, 2006).

O caipira da música citada no início do texto se insere nesta realidade, de perplexidade frente às mudanças necessárias e inerentes à modernidade, mas não a ponto de “congelá-lo” social e culturalmente: ele sobrevive dentro desta complexidade, e de alguma forma mantém seus signos identitários parcialmente intactos.

A América Latina configura-se, portanto, como um grande “território alternativo”, onde se entrelaçam as “macro-políticas” do capitalismo global com as “micro-políticas” locais de subjetividade e resistência, como bem ilustra o monumento de Niemeyer.

Para nós, geógrafos, compete a tarefa de refletir sobre esta realidade extremamente complexa, cujo movimento se dá em ritmo cada vez mais acelerado e sob aspectos tão diversos em sua fugaz materialização. E nos compete, ainda, como Thrift (1982), conceber os indivíduos como seres parcialmente sagazes, e não trouxas culturais, capazes de produzir estratégias de intervenção e transformação da realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FOCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GOLDFINGER, C. **La Géofinance**. Paris: Seuil, 1986.

GUATTARI, F. Paradigma de todas as submissões ao sistema. **Leia**. São Paulo: Juruês, junho, p.18, 1986.

GUATTARI, F.; Rolnik, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

HAESBAERT, Rogério. Morte e Vida da Região: Antigos Paradigmas e Novas Perspectivas da Geografia Regional. In: Sposito, Eliseu S. (org.). **Produção do Espaço e Redefinições Regionais: Construção de uma Temática**. Presidente Prudente: UNESP/GASPERR.

_____. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2006.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: UDUSP, 2006.

THRIFT, N. **Visando o Âmago da Região**. In: Gregory, D. et all. Geografia humana. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.